



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2

**Diagramação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-748-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.489211412>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL


Élcia de Torres Bandeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114121>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

CURIMBA ONLINE: ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS DURANTE A PANDEMIA E ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO GONÇALO, 2020


Camilla Fogaça Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114122>

### **CAPÍTULO 3..... 28**

PENSANDO A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DAS REVENDEDORAS DE COSMÉTICOS E A SUA NARRATIVA NO MUNDO DO DIREITO

Bárbara Galli de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114123>


### **CAPÍTULO 4..... 37**

HISTÓRIA E MEMÓRIA: DIÁLOGOS PELA AUTONOMIA TERRITORIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DE MELQUÍADES E AMÂNCIO

Jonatan Dos Santos Silva

Viviane Sales Oliveira


Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114124>

### **CAPÍTULO 5..... 49**

POLÍTICAS INDÍGENAS E O SER INDÍGENA NA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE


Ivan Pereira Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114125>

### **CAPÍTULO 6..... 62**

O “HOMEM PLURAL” E O PLURALISMO RELIGIOSO


Maylle Alves Benício









 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114126>

### **CAPÍTULO 7..... 74**

JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF: ALGUNS PONTOS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO


Danillo Rangell Pinheiro Pereira.

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114127>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
“ESPÍRITO BRANCO EM BUSCA DE ALMAS NEGRAS” COLONIALISMO E MISSÕES CATÓLICAS: CONHECER PARA CATEQUISAR E DOMINAR. SUL DE MOÇAMBIQUE (FINAL DO SÉCULO XIX )	
Denilson Lessa Dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128">https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O TESTAMENTO DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA, UMA ANÁLISE HISTÓRICA	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129">https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
HISTORIOGRAFIA E CATOLICISMO: DONOSO CORTÉS E OS RUMOS DA MODERNIDADE HISTÓRICA	
Roney Marcos Pavani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
DOM AUGUSTO ÁLVARO DA SILVA: FÉ E POLÍTICA	
Solange Dias de Santana Alves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
SCIENTIFIC DISCOURSE MODELING: A SEMIOTIC VIEW	
Marcus Vinicius Dos Santos Claro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>152</b>
ARQUEOASTRONOMIA: A CONSTRUÇÃO DE URUK E A INFLUÊNCIA DOS CÉUS	
Leonardo Birnfeld Kurtz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>166</b>
O GUERRILHEIRO HEROICO: FOTOGRAFIA E GÊNERO	
Andréa Mazurok Schactae	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>179</b>
ATHÉNAÏS MICHELET: UMA TRAJETÓRIA APAGADA	
Aline Dal'Maso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>192</b>
AS VISÕES DA DIPLOMACIA ESTADUNIDENSE SOBRE AS FORÇAS ARMADAS	

BRASILEIRAS NO GOVERNO JK (1956-61): APONTAMENTOS INICIAIS DE PESQUISA

Vinícius Marcondes Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141216>

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....204**

**ÍNDICE REMISSIVO.....205**

# CAPÍTULO 10

## HISTORIOGRAFIA E CATOLICISMO: DONOSO CORTÉS E OS RUMOS DA MODERNIDADE HISTÓRICA

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 05/10/2021

**Roney Marcos Pavani**

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Nova Venécia – ES

<http://lattes.cnpq.br/9315179326957885>

**RESUMO:** Este trabalho analisa a interpretação histórica contidas em algumas obras do pensador católico Juan Donoso Cortés (1809-1853), e de como ele recorre à História para legitimar ou desmerecer projetos políticos. Da mesma forma, deseja-se compreender como este autor afirma a existência de um sentido através da história da Espanha, da Europa e do Mundo, ou seja, de elementos que sirvam ao que ele mesmo chama de “caráter” ou ao “espírito”. Por isso, pode-se afirmar que sua visão não está relacionada a uma história circular, de exemplos a serem imitados (*Historia magistra vitæ*), mas de uma história universal, linear e progressista. Tais aspectos, segundo Renato Janine Ribeiro, José Carlos Reis e Robert Nisbet, são característicos da forma moderna de se conceber a História. Logo, pode-se afirmar que mesmo autores conservadores, como Cortés, são devedores dessa concepção.

**PALAVRAS-CHAVES:** Historiografia, Espanha, Modernidade, catolicismo, conservadorismo.

### HISTORIOGRAPHY AND CATHOLICISM: DONOSO CORTÉS AND THE DIRECTIONS OF HISTORICAL MODERNITY

**ABSTRACT:** This article analyses the historical interpretation in some works of the catholic thinker Juan Donoso Cortés (1809-1853), and how he resorts to History to legitimize or belittle political projects. In the same time, it wishes to comprehend how the author proposes the existence of a meaning through the history of Spain, the history of Europe and the history of World, in other words, elements that serve what calls himself “feature” or “spirit”. Therefore, it is possible to say that his vision is not related to a circular history, with examples to be imitated (*Historia magistra vitæ*), but a universal history, linear and progressive. Those aspects, according to Renato Janine Ribeiro, José Carlos Reis and Robert Nisbet, are characteristic of modern form to conceive History. Thus, it is possible to affirm that even conservative authors, like Cortés, present this conception.

**KEYWORDS:** Historiography, Spain, Modernity, catholicism, conservatism.

### INTRODUÇÃO

A busca pelas regularidades e leis contidas no seio da História é, segundo Renato Janine Ribeiro (1993), uma novidade iniciada a partir do final do século XVIII e início do XIX. Trata-se de um momento revolucionário na consciência europeia, em que a inovação e o ímpeto individuais suplantam o lugar do *acaso*

e da *fortuna*. Em suas próprias palavras, “termina no século XVIII uma ideia de história enquanto elenco de exemplos, que por isso remete a uma imagem cíclica do tempo, para emergir uma que se proclama inovação” (RIBEIRO, 1993, p. 97).

Embora o mesmo autor advirta que “foram as sociedades aristocráticas as que melhor (...) desenvolveram a ideia de que o homem é um ser que se pode construir (RIBEIRO, 1993, p. 8), ou seja, que ele é mutável, foi somente na passagem do século XVIII para o XIX que a história será utilizada para esse fim.

Nessa mesma linha, José Carlos Reis (2008) também destaca a preocupação dos historiadores ocidentais, durante todo o segundo milênio da Era Cristã, mas, em especial, daqueles inseridos a partir de meados do XVIII, com a *História Universal*. Aliás, o Ocidente se interessa sobre a sua identidade, generalizando-a como problema do *homem universal*.

Porém, as filosofias iluministas da história pensavam o futuro como *salvação* (ideia de progresso e melhora) e a história como seu *meio*. Nesta linha racional, diz Reis, presente e passado são distintos, mas ligados entre si por um cordão tênue de continuidades. De qualquer modo, a história não é mais repetitiva, quer dizer, a “mestra da vida” (REIS, 2008, p. 31).

Esses discursos da modernidade se referem à humanidade como sujeito universal e pretendem produzir uma descrição completa do desenvolvimento histórico. São grandes narrativas, uma vez que totais (abordam o passado, o presente e o futuro em todos os eventos), de um objeto universal (a humanidade).

Em outro texto, Reis (2007) analisa essa nova consciência histórica surgida com o início do século XIX como um significado da busca pelo outro (no passado) como busca de si mesmo (no presente), levando em consideração o que mudou e o que permaneceu. Dito de outra maneira, é saber como a realidade em questão teria ganho corpo ao longo dos eventos históricos.

Nessa perspectiva moderna,

[...] a história de um indivíduo, ou de um povo, ou de uma nação é uma multiplicidade coerente e os eventos dispersos possuem um fio condutor que não corresponde ao tempo da profecia nem ao da utopia, mas ao tempo singular da individualidade histórica (REIS, 2007, p. 30-31).

## Uma tentativa de História Universal

Do mesmo modo, é relevante mencionar as tentativas do pensador espanhol e católico Juan Donoso Cortés (1809-1853) de identificar a história como um grande caminho, repleto de continuidades e rupturas, por onde os homens – em sua espécie – se constroem. Desde o Oriente até o Ocidente, ele enxerga várias etapas ou períodos (seculares ou religiosos), pelos quais a humanidade teria passado até chegar ao seu nível atual e mais elevado.

Por exemplo, na *Lección cuarta* (de 20 de dezembro de 1836) das *Lecciones de Derecho Político*, Cortés ensina que “*el presente es la realización de las tendencias pasadas*,

como el porvenir será la realización de las tendencias presentes” (CORTÉS, 1965, p. 57). Em seguida, ele também deixa claro que o governo representativo é o “resultado evolutivo” dos governos anteriores.

O regime instalado na Espanha a partir de 1836, mesmo ano em que Donoso está expondo suas lições, foi o resultado do crescimento do partido *Progressista*, que chegou a ter a maioria das cadeiras nas sessões das Cortes<sup>1</sup> (ARTOLA, 1997, p. 70). Apesar de seu radicalismo, contudo, os membros do partido renunciaram ao predomínio parlamentar e estavam dispostos a oferecer mais poderes à Coroa, o que configurava um certo equilíbrio entre as duas instâncias: Coroa e Cortes. Este, por sua vez, também era chamado de *governo representativo*.

Antes desse equilíbrio, consolidado pela Carta Constitucional Espanhola de 1837, Donoso diz que quem esteve à frente foi o governo da *Soberania Popular*. Ele estava, sem dúvida, fazendo referência à *Constituição de Cádiz (1812)*<sup>2</sup>, pela qual as Cortes guardariam em mãos a capacidade de impor suas decisões ao rei, limitando drasticamente a autoridade monárquica (ARTOLA, 1997, p. 43).

A *Soberania Popular*, na visão de Cortés, não é uma ideia que se deva aprovar, mas não porque dê margem a um governo ruim em si. Ora, “ela teve sua missão e seu papel histórico”, pôs fim a “doze séculos de *despotismo*” (Espanha antes da invasão napoleônica) e centrou as atenções na liberdade do homem. Contudo, enquanto ação voltada para o presente, ela é irrealizável e merece ser regulada (CORTÉS, 1965, p. 57).

Nesse sentido, os três tipos de governo citados acima (*representativo, da soberania popular e despótico*) estão ligados a três fases da humanidade (e não apenas da Espanha). Estas, por sua vez, estão ligadas, cada qual, a um dos três vínculos construídos pelo homem (com Deus, com a natureza, com seus semelhantes). Em cada período da história, um desses vínculos prevaleceu, e ofuscou os demais.

[...] *Estas ideas y estas relaciones coexisten en él* [no homem], *porque, al mismo tiempo que ha estado en relaciones con los demás hombres, ha estado en relaciones con la naturaleza física y con Dios. Pero si todas estas ideas coexisten en él, una sola está llamada a dominar en cada período de la vida de los pueblos* (Lecciones, in: CORTÉS, 1965, p. 59-60. Os grifos são do autor).

O período do *amadurecimento*, que corresponde à época da *soberania popular*, foi uma resposta à época anterior, ou seja, ao *direito divino dos reis*. Este, no entanto, mesmo sendo ainda uma teocracia (na visão donosiana), também significou uma reação a um

1 Sobre as *Cortes*: Até 1812, o termo dizia respeito a reuniões políticas entre o rei e as diferentes ordens sociais, frequentemente com caráter consultivo e legislativo. Após essa data, passou a significar a reunião permanente de parlamentares, representantes das províncias da Espanha. Porém, em 1834, com a divisão da representatividade entre duas casas parlamentares (Senado e Congresso de Deputados), o termo – *Cortes Generales* – adquiriu seu significado atual, a saber, o parlamento espanhol, já em sua forma bicameral.

2 A Constituição de Cádiz surgiu como fruto do trabalho da primeira geração de liberais espanhóis (PAYNE, 1978, p. 766). Sua origem remonta à reunião das Cortes nessa cidade, guiada por um caráter nacional e de presença proporcional à população da Espanha. Desejava limitar os poderes do rei e pôr fim à sociedade estamental. Foi transformada em Assembleia Constituinte no mesmo ano para, mais tarde, promulgar a segunda Carta Constitucional Espanhola (ARTOLA, 1997).

período de barbárie (a Idade Média) (CORTÉS, 1965, p. 66). Como aqui o homem detém muita liberdade (direitos) e quase nenhuma obediência (deveres), se diz que “o homem absorve a sociedade”.

Já no período da *Idade adulta*, dos *governos representativos*, homem e sociedade não se absorvem, mas caminham de mãos dadas. Por isso, Donoso diz que as ideias anteriores são retrógradas, não cabendo mais ao presente. Indiretamente, ele fazia referência a seus dois principais inimigos nessa época: os *carlistas* (arquétipos do despotismo)<sup>3</sup> e os *liberais radicais* (arquétipos da soberania popular).

Através da história, Donoso procura um caminho de forma a desqualificar seus oponentes e, ao mesmo tempo, legitimar suas ideias como a consequência *do desenvolvimento progressivo, necessário e inexorável da humanidade*.

[...] *Todo el que proclama la armonía entre la ley del individuo y la ley de la asociación, entre la sociedad y el hombre, es progresista; porque progresar es proclamar un principio nuevo en la historia, nuevo en el mundo, y que lleva (...) al porvenir en su seno (Lecciones. In: CORTÉS, 1965, p. 42. O grifo é meu).*

Essa definição é próxima àquela proposta por J. B. Bury, e que foi citada por Robert Nisbet, no livro chamado *História da Ideia de Progresso* (1985, p. 16-17): “a ideia de progresso acredita que a humanidade avançou do passado – a partir de alguma condição original de primitivismo, barbárie ou até nulidade – continua agora avançando e deverá ainda avançar através do futuro que possa ser previsto”.

E, nas palavras do próprio Nisbet, “a ideia de progresso é a síntese do passado e a profecia do futuro. É inseparável de um sentido do tempo que flui de forma unilinear” (1985, p. 17). É crer que existe uma tendência, tanto no homem quanto na natureza, de atravessar uma sequência regular de etapas de desenvolvimento no passado, presente e futuro. Sendo que, além disso, as etapas mais recentes são sempre superiores às mais antigas – mesmo levando-se em conta alguns atrasos ou retrocessos<sup>4</sup>.

As teses de Nisbet presentes nesse livro indicam que a ideia de progresso é bem antiga, e remonta ao período da Antiguidade Clássica. Ela não nasce com o advento da modernidade. Porém, para o que realmente nos interessa aqui, Gil (1998, p. 33) tem a seguinte proposição: “No século XVIII [a noção de progresso] está ligada ao caráter progressivo da civilização, à ideia da perfectibilidade da espécie, cuja certeza permitiria encarar o futuro com otimismo”.

É justamente isso a que Donoso, seja em qual época de sua carreira for, se

3 O *carlismo* foi um movimento político de caráter antiliberal e anti-revolucionário que pretendia o estabelecimento no trono espanhol de um ramo alternativo da dinastia dos Bourbons, e que nas suas origens defendia o regresso ao modelo político e social vigente antes da invasão napoleônica e da promulgação da Constituição de Cádiz. Artola (1997, p. 56).

4 O feudalismo na Europa, segundo Cortés, foi uma época de desolação e miséria (*Discurso de abertura en el colégio de Cáceres*, in: CORTÉS, 1970, p. 189), o que constituiu uma espécie de atraso. Mas também foi na Idade Média em que se formou o caráter da filosofia moderna (p. 184). Vemos aqui uma espécie de progresso misto, passível de quedas e retrocessos. Mais tarde, ele será acompanhado pela ideia de progressiva degradação moral do homem (*Discurso sobre la dictadura*, in: CORTÉS, 1965, p. 229-230).

propõe a fazer. “*La historia del Oriente es la historia de Dios [da teocracia], la historia del poder [do despotismo]; la historia de la Europa es la historia de la libertad, la historia del hombre [dos governos representativos]*” (Lecciones, in: CORTÉS, 1965, p. 69). Ou seja, enquanto o Ocidente progrediu, e foi capaz de emergir da *infância* à *maturidade* (pois conseguiu mesclar *liberdade* e *poder*, *associação* e *dispersão*, *direitos* e *deveres*, *mando* e *obediência*), o Oriente ainda vive em uma época atrasada, infantil, em que um aspecto do homem é sempre aglutinado por outro.

## O Gênio do Universo e a Divina Providência

Em toda a obra donosiana, são dois os grandes temas a serem explicados: a *inteligência* (a razão) e a *religião* (a vontade) – os componentes do espírito humano. Ambos, em momentos distintos da vida do pensador, identificam-se com a soberania, com os princípios dos governos e, por fim, com o *princípio último das sociedades*. Estes temas, outrossim, existem de forma absoluta e, com o desenvolver das eras, emancipam-se do mundo das ideias até atingirem a concretude humana.

Essa afirmação nos faz lembrar do que Andrew Vincent chamou de “percepção valiosa da história” no conservadorismo: a personificação de um propósito mais profundo:

[...] [Edmund] Burke [1729-1797] foi conduzido por seus argumentos em favor da tradição a uma percepção valiosa da história. Involuntariamente, preparava o terreno para a germinação do pensamento histórico do século XIX, principalmente na Alemanha. Isso ensejou algumas comparações entre Hegel [1770-1831] e Burke. Nessa área, conservadores românticos e tradicionalistas estão de acordo. Ambos interpretam a história teleologicamente como a personificação de um propósito mais profundo e espiritual. (VINCENT, 1995, p. 82-83).

Em Donoso, esse propósito oculto, essa *providência* também existe. Falaremos, em primeiro lugar, de como ela se relaciona com a inteligência, cujo fim é a construção de uma sociedade de pessoas racionais.

Assim como para os homens, as sociedades têm um grau de inteligência, sujeitos às transformações sociais. Por exemplo, a inteligência das sociedades que estão em formação é conhecer os meios de que precisam para subsistir (inteligência espontânea ou instintiva). Já quando um povo nômade se fixa em um determinado lugar, a sociedade se modifica. Lutar pela sobrevivência não é mais a sua necessidade primeira, agora sua existência está baseada no repouso, nas leis, nas artes e nas ciências. Conseqüentemente, a inteligência se transforma, passando do nível espontâneo para o reflexivo. Seus representantes seriam os homens que meditam e ensinam, não mais aqueles que lutam (Lecciones, in: CORTÉS, 1965, p. 93).

A civilização grega, ainda no esquema histórico de Cortés, nasceu a partir dessa especulação e representou um estágio mais elevado na linha de progressão da inteligência. Porém, o povo que se destacou como realmente inteligente na antiguidade foi o romano.



Este, com sua mescla de razão e força, conseguiu superar todos ao seu redor, mantendo a barbárie à distância (*Lecciones*, in: CORTÉS, 1965, p. 99-103).

O mesmo ocorreu quando a inteligência cristã pôs fim ao avanço islâmico, exemplo seguido por Carlos Magno (742-814) e suas buscas em nome da inteligência. Foi o chamado período do *Renascimento Carolíngio*. Já nos séculos XIII e XIV, o feudalismo se desagregou, o pensamento de Aristóteles (e dos antigos de uma forma geral) se expandiu, e culminou na fundação das universidades. Do período das universidades – onde a inteligência seria ainda mais difundida – até o século XVIII em diante, a razão ganhou meios para conquistar todas as pessoas (*Lecciones*, in: CORTÉS, 1965, p. 111-116).

Quer dizer, nesse sentido, *a história humana é a história da emancipação e do desenvolvimento da razão*. Passo a passo, o homem foi-se tornando cada vez mais racional, aproveitando o que já havia conhecido a partir das gerações anteriores.

Por outro lado, nos textos *Curso de historia de la civilización de España*, por D. Fermin Gonzalo Morón (1843) e *Estudios sobre la historia* (1847), veremos um Donoso ligado à religião católica de modo contundente. Nesse momento ele interpreta a história, não mais como desenvolvimento da inteligência, mas como *emancipação do sentimento religioso*. No entanto, mesmo que haja inúmeras diferenças entre as ideias contidas nessas obras (e em outras da mesma época) e aquelas de anos atrás, a proposta e o método donosianos continuam a ser os mesmos.

Ele, assim, define a história como “*ditada por Dios y escrita por sus profetas*” (*Curso de historia...*, in: CORTÉS, 1970b, p. 19) e “*la revelación de las leyes inmutables e inflexibles con que Dios gobierna el mundo moral después de lo haber creado*” (*Estudios sobre la historia*, in: CORTÉS, 1970b, p. 227). É a ciência mais excelente de todas: conhecimento do passado, ensinamento para o presente e advertência para o futuro.

Em termos mais simples, a história seria o curso dos acontecimentos que manifestam os desígnios de Deus sobre a humanidade e sua realização no tempo, seja por meio da Providência ou da liberdade humana, de modo universal.

Donoso retirou o *Espírito Absoluto*, o “*Gênio do universo*” das origens da história, e colocou *Deus* como sendo sua verdadeira fonte. E isso, já é sabido, de modo a afirmar a religião e a doutrina católicas como os modelos a serem seguidos, uma vez que a história assim o provaria.

Entretanto, a questão do progresso e da universalidade, da oposição entre sociedades antigas e sociedades modernas, também se encontra nas obras tardias do pensador, as quais estão embasadas em uma concepção católica de história. Quer dizer, seja pelo desenvolvimento humano, seja pela Providência Divina, a Modernidade é superior à Antiguidade:

*[...] Las causas recónditas del atraso político y civil de aquellas sociedades que entre las antiguas fueron las más nombradas y famosas por su espléndida cultura; cosa que no parecerá extraña (...) cuando considere que estaban sin*

*noticia cierta de Dios y que sin ella no era posible que tuvieran noticias de la naturaleza del hombre ni de la índole propia de las sociedades humanas (Estudios sobre la Historia, in: CORTÉS, 1970b, p. 229).*

Em seus escritos primeiros (as *Lecciones de Derecho Político*, por exemplo), Donoso afirmava categoricamente que o Ocidente ou as sociedades modernas eram superiores às do Oriente e às antigas, pois souberam tratar de forma plena e equilibrada os dois atributos do homem (a inteligência e a liberdade, isto é, o princípio associativo e o dissolvente). Ao passo que, nos períodos antigos e nas sociedades orientais do século XIX (que se equivalem, já que não houve evolução ali), sempre um dos dois atributos desequilibrava a relação, produzindo ora governos despóticos (em que a sociedade invadiria o indivíduo), ora governos caóticos (onde o indivíduo invadiria a sociedade).

Pois bem, nos *Estudios sobre la Historia*, isso não é ignorado. As sociedades modernas (europeias) conseguiram, através dos três vínculos que o homem possui, equilibrar o binômio associação-dissolência. O papel da religião foi basilar, pois foi ela quem forneceu os valores necessários a esse equilíbrio.

A religião católica, mesmo que represente a verdade divina, é produto de uma evolução histórica. Ela não aparece simplesmente em um determinado momento da história porque Deus assim o quis. Na realidade, para que Deus pudesse revelá-la, foram necessários séculos de teologias imperfeitas, erros e acertos, a fim de que o homem finalmente conseguisse entender a essência do Criador.

Teologicamente falando, em Donoso o homem [universal] pecou e, por isso mesmo, apartou-se do convívio com Deus e com a verdade. Este homem se espalhou pelo mundo e, a partir de sua união com outros, tentou captar a divindade, seus desígnios e vontades. Assim nasceram as primeiras formas de culto e as religiões. Primeiramente no Extremo Oriente (China e Índia), em seguida na Pérsia e, por fim, na Grécia e em Roma. De mil maneiras, o homem tentava alcançar novamente a verdade que lhe havia escapado no momento do Pecado Original.

No momento em que Cristo veio à Terra para anunciar a nova religião, ainda que ele estivesse trazendo a verdade em si mesmo, e que fosse consubstancial ao Criador, era necessário que houvesse pessoas para segui-lo e para expandir a sua mensagem. Em outras palavras, os homens careceriam de estar desenvolvidos e *prontos intelectualmente* para ouvir, entender e, por fim, anunciar a verdadeira crença a todas as pessoas.

Este “*estarem intelectualmente prontos* para o cristianismo”, termo que pedimos de empréstimo ao importante historiador das religiões Paul Johnson (2001, p. 16) nos diz muito a respeito de como Donoso Cortés encarava a evolução do espírito religioso dentro do coração dos homens.

Por um lado, esses mesmos homens, dotados de liberdade e ação, foram aprendendo dialeticamente a encontrar a verdadeira essência divina que havia sido perdida, embora não pudessem encontrá-la por si mesmos. Faltava-lhes (somente) o gatilho que desencadeasse

esse processo de restauração. Por outro lado, a Divindade, vendo nos homens o momento propício e como sua evolução havia sido dada, tratou de completar o processo com a vinda de Jesus Cristo à Terra.

Como o mesmo Donoso já havia dito, a trama da história humana é uma combinação entre a liberdade dos homens (que explica as mudanças) e as Vontades Divinas (que explicam as permanências, os fatos eternos e imutáveis), como nesse caso. Isso quer dizer que não seria possível ao cristianismo surgir no Oriente Distante ou na África, por exemplo, nem em épocas mais remotas (ou mais tardias) que não a do princípio da Era Cristã. O seu surgimento, portanto, estava condicionado à participação dos homens.

### A previsão do futuro

De uma maneira ou de outra, seja pelo aspecto intelectual, seja pelo aspecto das convicções religiosas, está se falando em fazer não mais *histórias*, mas sim *a história*. “É necessário escrever a história dos homens, ao invés da história dos reis” (GIL, 1998, p. 35). Para Koselleck (apud REIS, 2006, p. 33) a ideia de que se pode *fazer-a-história* era impensável antes da Revolução Francesa. A partir dela, a história passou a existir em si e por si, como uma substância singular, imanente, autônoma e universal.

Koselleck inicia suas análises acerca da modernidade histórica a partir do que ele mesmo chama de “canalização ou solapamento das previsões de fim de mundo: o futuro como fim” (KOSELLECK, 2006, p. 31), característicos do pensamento pré-moderno (até o século XVIII). Em seu lugar, emergiram questões sobre os esboços do porvir. Se o futuro não é mais trágico, já que as pessoas em geral deixaram de dar importância ao Juízo Final, a pergunta que se põe é: *como será o amanhã?*

Para Donoso Cortés, de uma forma ou de outra, os homens serão transformados e melhorarão progressivamente. Havendo estabilidade política conjugada com a moralidade cristã (aliás, uma não pode estar desligada da outra, visto que a primeira é consequência da última), as pessoas serão felizes.

É bem verdade que aos *carlistas* e aos *liberais radicais* (em uma época) e aos *racionalistas – liberais* e *socialistas* (em outra época), Donoso confere um veredicto futuro mais sombrio. Contra seus inimigos da juventude, o pensador enxerga seus princípios absolutistas como retrógrados, que já tiveram seu papel como “reação à barbárie medieval”. Apoiar a causa carlista seria o mesmo que *andar para trás*, interrompendo o avanço inexorável da inteligência e das monarquias constitucionais. Do mesmo modo, os teóricos da *soberania popular* também já passaram pela história (reagindo contra o absolutismo) e não se pode esperar futuro algum que venha deles, apenas passado (*Lecciones*, in: CORTÉS, 1965, p. 58).

Tudo leva a crer que Cortés, em meados da década de 1830, não acreditava que fosse possível um futuro na Espanha chefiado seja pelo carlismo ou pelos *exaltados*. Eles não teriam como vencer a batalha que, naqueles idos, se travava, já que o *espírito humano*

estaria em outro nível de desenvolvimento e evolução.

Nas décadas que se seguiram, desapareceram os antigos inimigos e outros foram colocados em seu lugar. Nominalmente, *liberalismo* e *socialismo*, na visão donosiana, conduziriam as sociedades pelos caminhos da desunião e do caos. As soluções que ambos sistemas propunham para uma Europa e uma Espanha perdida em discórdias e perversões (*Discurso sobre Europa (1850)* e *Discurso sobre la situación de España (1850)*, in: CORTÉS, 1965, p. 237-274) não podem funcionar devido aos seus princípios teológicos<sup>5</sup>. Não encontravam respaldo algum na história para funcionarem. Logo, era de se imaginar que o porvir de ambas, caminhando nessa direção, fosse triste e pavoroso:

[...] *Yo afirmo y aseguro que todo su poder [de Espanha] vendrá al suelo estreptosamente si esta nación sigue corrompida en sus sentimientos y pervertida en sus ideas; todavía digo que esta sociedad tan opulenta, tan esplendorosa, tan grande, será entregada al exterminio; que nunca han faltado ángeles exterminadores para los pueblos corrompidos* (*Discurso sobre la situación de España*, in: CORTÉS, 1965, p. 268).

Embora o presente Discurso tenha sido escrito em 1850, apenas três anos antes da morte de seu autor, as ideias sobre a derrota dos povos com base em sua corrupção moral já haviam sido delineadas nas *Lecciones* de 1837.

Esse fim cataclísmico para a humanidade consistiria ou seria comprovado pela perda das virtudes (as correntes liberais e socialistas se importam mais com a riqueza do que qualquer outro bem), dos vínculos de solidariedade familiar (em nome do individualismo); na perda da propriedade, das fronteiras, das pátrias e, finalmente, das sociedades (estas cabem apenas aos socialistas).

Donoso prevê a chegada da Revolução na Espanha caso os reis não resolvam os problemas sociais, resultados a partir do declínio moral e religioso (a falta de caridade): *“Si los gobernadores de las naciones no la resuelven, el socialismo vendrá a resolver o problema, y le resolverá poniendo a saco a las naciones”* (*Carta a la reina María Cristina*, in: CORTÉS, 1965, p. 515ss).

Contudo, ainda que Donoso Cortés soubesse que o socialismo estaria às portas do presente, sua esperança na humanidade redimida por Deus e pela Igreja, produziu nele a crença em um desfecho feliz para essa história.

Herrero (1953a, p. 117) diz a esse respeito que, o próprio Donoso, conhecedor da história de seu país a ponto de indicar o *caráter* ou o *espírito* espanhóis, confiava na possibilidade de as pessoas rejeitarem o socialismo e assumirem o seu projeto de renovação social a partir do catolicismo. Em nenhum outro país do mundo (talvez na Itália também), o catolicismo havia se instalado com tanta força, e, por isso mesmo, ele possuía *“el singular privilegio (...) de atraer hacia si las miradas del mundo civilizado”* (*Las Reformas de Pio IX (1847)*, in: CORTÉS, 1965, p. 187).

<sup>5</sup> Segundo o que Donoso apresenta em sua obra mais conhecida – *El Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo (1851)* (CORTÉS, 1965, p. 278-280), o *deísmo* conduziria ao *liberalismo* e o *ateísmo* ao *socialismo*.

Donoso, embora reconhecesse que o socialismo fosse um mal possível e provável, tinha uma profunda convicção de que não vingaria em sua terra natal. Quem sabe sua estadia na França a partir de 1850 o tenha feito meditar acerca dessa corrente política e do papel da Revolução de 1848. Os acontecimentos que se seguiram deram origem à Segunda República Francesa (1848-1852), o que, para o pensador não representaria um bom sinal para a humanidade. Mesmo assim, o período republicano foi bastante fugaz, sendo restaurada a monarquia imperial francesa com Luís Napoleão Bonaparte, a partir de novembro de 1852. Se Donoso já possuía uma certa fé na incapacidade do socialismo de implantar-se e perpetuar-se, esse fato concedeu-lhe ainda mais ânimo. Isso é correto na medida em que Donoso Cortés, a partir dessa data até sua morte, não menciona o socialismo em nenhuma de suas obras finais.

Além disso, uma conclusão óbvia: se Deus é, para Donoso, fonte de infinita bondade e, sendo a criação obra Sua, tudo o que há na realidade está aí por Sua vontade imediata (no caso de elementos *bons*) ou futura (no caso de elementos *ruins*, como a Revolução Francesa, que servirão a um princípio maior em um momento oportuno). A vontade de Deus, sendo boa, deve produzir um final de coisas também positivo. E isso não significa fim dos tempos, ou Juízo Final, já que Cortés nunca os menciona, e não é do seu interesse fazê-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que já dissemos, a filosofia da história em Donoso, em sua versão plenamente católica, não pode ter o mal como fim, já que a Providência, por meio da ação do homem (e não por milagres, como vimos acima), irá evitá-lo. É uma lógica que só pode ser entendida se considerarmos tudo o que foi discutido nos parágrafos anteriores, indo desde a dinâmica mutabilidade *versus* constância até a teoria do livre-arbítrio *versus* Divina Providência como mola propulsora da história. A visão católica de um Deus *bom* e de um universo ordenado por leis rígidas e perfeitas também não pode ser ignorada.

Quanto à inexorabilidade da salvação dos homens, consequência crítica de suas ideias, Donoso a encontra com base nas análises históricas que fez, e nas conclusões que chegou a partir de uma observação lógica. Não é simplesmente fruto da revelação divina, de alguma profecia, ou porque está escrito na Bíblia. O catolicismo é o melhor caminho a ser seguido pelas pessoas, já que todos os seus aspectos conduzem a caminhos favoráveis. Isso o prova a história. É esse o sentido da história do mundo e da Europa.

A história donosiana, embora tenha o seu mote de religiosidade diante de um mundo moderno cada vez mais secularizado, segue o molde dos historiadores da modernidade. Quer dizer, não se está falando de uma história com a capacidade de instruir, mas um conjunto de leis que revele o caminho verdadeiro para o entendimento, tanto do presente, quanto do futuro das sociedades.

É verdade, porém, que na dinâmica histórica donosiana existem fatos únicos e irrepetíveis, mas sua singularidade recai sobre o que ele considera como valores eternos e imutáveis, a saber, a moral. Mesmo sendo a história um processo, os homens podem, segundo Donoso, se inspirar em figuras passadas para chegarem a essas verdades imutáveis.

O caminho traçado por essa filosofia da história não permitia, em absoluto, uma inclinação para o passado. O progresso da história sugere que o futuro deverá ser construído a partir de mudanças. Essas mudanças, no caso donosiano, não se inserem no âmbito das instituições políticas ou da organização social, como pretendiam os liberais e socialistas. Isso porque, adverte Silva (1996, p. 12), do ponto de vista conservador, o futuro é uma continuidade, a realidade é fruto de um longo processo de constante evolução.

Porém, a ideia de *esperança* está presente nas três principais correntes políticas do século XIX: o liberalismo, o socialismo e o conservadorismo. Cada uma, a seu modo, acredita que os homens possam atingir um nível *supra-comum* de sabedoria, chame-se de *Razão*; *consciência de classe*; *preconceito*, para o conservadorismo de matriz burkeana (BURKE, 2017) ou *espiritualidade católica*, para o conservadorismo donosiano. Assim, de posse desses meios, é possível a realização de uma sociedade perfeita.

## REFERÊNCIAS

### Obras completas

ARTOLA, Miguel (org.) **Historia de España: La Burguesia revolucionária (1808-1874)**. Madrid: Alianza, 1997.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

CORTÉS, Juan Donoso. **El pensamiento político hispanoamericano**. Buenos Aires: Depalma, 1965.

CORTÉS, Juan Donoso. **Obras completas**. v. 1. Madrid: La Editorial Católica, 1970. – Biblioteca de Autores Cristianos.

CORTÉS, Juan Donoso. **Obras completas**. v. 2. Madrid: La Editorial Católica, 1970. – Biblioteca de Autores Cristianos.

HERRERO, Santiago G. **Donoso Cortés y su teoría política**. Badajoz: [s.n.]; 1953.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2006.

NISBET, Robert. **História da Ideia de Progresso**. Brasília: EDUNB, 1985.

REIS, José Carlos. **A História, entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Autêntica, 2007.

REIS, José Carlos. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

RIBEIRO, Renato Janine. **A última razão dos reis**: ensaios sobre filosofia e política. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

### **Artigos**

GIL, Antônio Carlos A. A História, o Ensino de História e a Revolução no século XVIII. **Revista de história/UFES**, Vitória, n. 7, p. 31-45, 1998.

PAYNE, Stanley G. Spanish Conservatism (1834-1923). **Journal of Contemporary History**. v. 13, issue 4. A Century of Conservatism, p. 765-89, 1978.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O conservadorismo como via para a modernidade. **Anos 90**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS. Porto Alegre, n. 6, p. 7-20, 1996.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arqueoastronomia 4, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 162

### B

Bernard Lahire 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71

### C

Catolicismo 4, 17, 116, 124, 125, 130, 131

Charges 3, 1, 9, 13

Conflitos 27, 37, 38, 39, 41, 43, 45, 52, 76, 87, 97

Conservadorismo 116, 120, 126, 127

Covid-19 3, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12, 13, 20

### D

Dom Augusto Álvaro da Silva 4, 128, 129, 130, 132, 134, 139, 140, 141

Dom Emanuel Gomes de Oliveira 4, 104, 105, 106, 111, 112, 114, 115

### E

Espanha 116, 118, 123, 124, 157, 158

Eucalipto 37, 43, 44

### F

Fenômeno Religioso 62, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71

### G

Goiás 16, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115

### H

História Antiga 152

História oral 37, 39, 47

Historiografia 4, 50, 51, 116, 162, 166, 167, 179, 180, 184, 196, 197, 198, 200

### I

Igreja Católica na Bahia 128, 141

interseccionalidade 28

Interseccionalidade 28

### J

Jurisprudência trabalhista 28



## **M**

Memória 3, 5, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 110, 112, 113, 167, 168, 190

Mesopotâmia 152, 159

Mídia 15, 20, 25, 26, 134, 177

Modernidade 4, 26, 65, 66, 80, 116, 117, 119, 121, 123, 125, 127

## **P**

Pandemia 3, 1, 3, 4, 5, 7, 11, 13, 14, 15, 19, 21, 23, 43, 47

Pluralismo 3, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 74, 75

Política 4, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 52, 56, 57, 61, 83, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 109, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 168, 177, 178, 183, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

## **Q**

Quilombo 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46

## **R**

Religião 15, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 85, 86, 93, 120, 121, 122, 130, 131, 141, 152, 159, 177

Representações 3, 1, 2, 6, 7, 13, 14, 38, 87, 89, 114, 167, 172, 175, 184, 200, 201

Restauração Católica 105, 128, 129, 139, 140, 141

Revendedoras de cosméticos 3, 28, 29, 30, 32, 34, 36

Revolução de 1930 128, 129, 130, 133, 134, 138, 140, 141

## **S**

Scientific Discourse 4, 143, 144, 145, 146, 149, 150

Scientific law 143, 144, 145, 146, 147, 149

Semiotics 143, 144

## **T**

Testamento 4, 42, 43, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114





# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:


Cultura &  
identidades

2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021





# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:


Cultura &  
identidades

2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021